



Boletim Informativo do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus-BA. Ano X – Nº 19 - Jul/Ago-2010

INFORME GEOGRÁFICO

ISSN 1982-8039



Construção e consumo de uma paisagem: Aberta a temporada turística na praia de Ponta Negra

Esse artigo analisa o processo de construção da paisagem praiana, especialmente geradas pelas mudanças das sensibilidades em relação ao mar. Focalizando a praia de Ponta Negra, em Natal – RN, busca compreender como a paisagem foi cultural e historicamente estabelecida, contribuindo, portanto, para o seu entendimento, não como um cenário construído ao bel-prazer da natureza, mas enquanto um conceito humano, carregado de significados, sentimentos.

A promotora do Meio Ambiente, Gilka da Mata, em entrevista concedida ao jornal RN TV, em 26 de janeiro de 2010, expressa seu descontentamento em relação ao processo de verticalização no entorno da praia, que já começou a esconder as belezas da paisagem das dunas e do mar, na praia de Ponta Negra: Quanto menos construções tivermos na frente dessas dunas maior o interesse econômico, porque turismo se vende com paisagem natural e não com paisagem construída¹.

A partir daí surge um pretexto para pensarmos; A natureza é o que já está cristalizado, e não é construída? Quando a Promotora diz que o turismo se vende com a paisagem natural, oblitera totalmente a ação humana, esquecendo que para essa “Paisagem Natural” se tornar turística, foi antes necessário seu enquadramento nas fotografias, os insistentes folder e reclames publicitários em que regularmente as imagens de um mesmo local apareciam. É na ação humana que a paisagem ganha significado e importância. Em Natal, a praia de Ponta Negra foi fabricada como uma das paisagens símbolo da cidade em cartões postais e reclames publicitário².

Ao longo do processo histórico, a paisagem da praia vem sendo reconstruída de acordo com as práticas sociais e os discursos que a envolve. Entretanto, no decorrer desse processo nem todas as culturas entendiam a natureza como benéfica, em cada época e espaço seu significado é diferenciado. Os sentidos passaram do medo à cura, da cura ao prazer, de acordo com o tempo. Transformações que mesmo chegando a diversas partes do mun-



Contemplá-la é uma viagem a uma paisagem construída e desejada pelo homem.

do nem sempre estão em sincronia (CORBIN, 1989).

Banhar-se no mar, usufruir das paisagens naturais e sentir seus benefícios foi um processo lento e decorrente de outros, como a modernização e industrialização que deixou à vida mais dinâmica, o desenvolvimento dos meios de transporte, a melhoria das estradas que facilitava o acesso as praias, foram estes fatores que contribuíram de forma decisiva para um novo olhar em relação à praia. A relação do homem com o mar não é a mesma. É mutável e foi sendo reestruturada ao longo dos séculos (SCHAMA, 1996).

A natureza sobre a qual estava assentada Natal, também foi se

adequando, de acordo com o pensamento europeu, ganhou novos sentidos, os benefícios do mar cada vez mais se materializaram no ideário natalense. O olhar do homem nomeou esse espaço, refletindo nele os sentidos e significados do mundo em que vive. O mar começa a surgir para a população de Natal como um lugar agradável aos olhos nas primeiras décadas do século XX período em que o homem busca cada vez mais as relações harmoniosas com a

*Sylvana Kelly Marques da Silva**

paisagem naturalmente turística e sim uma paisagem construída, produzida a partir da interação entre o homem e o meio ambiente. Ao contrário do que afirmou a promotora do meio ambiente Gilka da Mata, turismo se vende sim com paisagem construída, pois, “antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente” (SHAMA, 1996, p. 17), fruto dos sentimentos e anseios que projetamos nela.

Notas:

- 1 Matéria do programa jornalístico RN TV (TV Cabugi), em 26 de janeiro de 2010.
- 2 Sobre os conceitos de apropriação, fabricação e disputa espacial, ver Durval Muniz de Albuquerque Jr., A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: JNB: Ed. Bagaço; São Paulo: Cortez. 2006, pp. 65 e segs..

Referências:

ARRAIS, R. (et al.) O corpo e a alma da cidade. Natal: EDUFERN, 2008.

ARRAIS, R. Da natureza à técnica: a capital do Rio grande do Norte no início do século XX. In: FERREIRA, A. L. & DANTAS, G. (Orgs.). Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal: EDUFERN, 2006.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOPES JUNIOR, E. A construção social da cidade do prazer: Natal. Natal: EDUFERN, 2000.

SCHAMA, S. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

*Bacharel em Turismo (FACEX), Especialista em Gestão e Estratégia de Marketing (FIJ), Mestranda em Turismo (UFERN).

natureza (ARRAIS et al., 2008).

O Turismo redescobriu a natureza. A praia de Ponta Negra foi correspondendo aos critérios da paisagem construída para ser mostrada aos turistas, moldada em prol de um desenvolvimento econômico desejado e que a firma como o cartão postal da cidade. Moldada para ser paisagem símbolo, foi articulada estrategicamente para construir e promover um espaço. Contemplá-la é uma viagem a uma paisagem construída e desejada pelo homem, é ter a visão de um elemento cultural e não somente natural (LOPES JUNIOR, 2000).

A partir dessa discussão afirmamos que Ponta Negra não é uma



A luta pela terra e a Reforma Agrária

No Brasil, a história da luta pela terra vem, pois, da luta dos negros pela conquista de seus quilombos e é pontuada por várias incidências históricas, mas como proposta concreta de Reforma Agrária, só ganha corpo e organicidade nos anos 50, a partir das ligas camponesas no Nordeste. Os confrontos de terra, não são simples confrontos de posse, mas verdadeiros conflitos sociais de envergadura histórica. O exercício do direito de propriedade é fundamental à sobrevivência do próprio tecido familiar. A luta pela Reforma Agrária cresceu e acabou sendo a principal razão do golpe de Estado, que, frustrado em 1961 pela resistência dos trabalhadores consumou-se em 1964.

A ditadura militar instalada então assumiu e incorporou ao Estatuto da Terra – Lei 4.504/1964 -, todas as bandeiras do trabalhador na luta pela Reforma Agrária tendo este Estatuto se transformado em um mero instrumento de remoção de eventuais conflitos.

O enfoque oficial da Reforma Agrária privilegia o potencial de conflito embutido na situação do campo como aspecto determinante da necessidade de Reforma Agrária. Segundo esta visão as raízes da questão agrária estariam, como já foi dito anteriormente, no processo de formação histórica, no binômio latifúndio/escravidão, a partir do qual se constituem as estruturas socioeconômicas da agricultura e se gera um quadro fundiário que restringe o acesso a terra para a maioria da população rural.

A acumulação de pressões derivadas da evolução demográfica

*Maurina Oliveira C. Freitas **

e os deslocamentos provocados na estrutura produtiva e territorial pela transição para uma sociedade de base urbano-industrial amplificam os efeitos negativos de concentração e polarização da propriedade da terra. O aumento das tensões sociais do campo, resultante da convergência desses fatores, tende a desembocar em conflitos potencialmente graves que a Reforma Agrária evitaria.

Ao contrário do que conclui o diagnóstico oficial a necessidade de Reforma Agrária não deriva do potencial de conflito implícito na dinâmica social rural, mas da condição objetiva de exclusão e marginalização da maioria da população rural, proveniente do processo de desenvolvimento do capitalismo no campo.

A Reforma Agrária é um processo social no qual se inter-relacionam elementos econômicos, sociais, políticos, cujas necessidades dinâmicas e características refletem as condições históricas específicas da realidade dentro da qual se produz. A Reforma Agrária é necessidade presente, não só de caráter social, mas também, econômico.

Com a convicção de que a Reforma Agrária não se daria sem as premissas da luta concreta pela conquista e democratização da terra, os movimentos sociais criaram um importante mecanismo de apossamento de áreas abandonadas: as ocupações coletivas.

*Aluna do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

CONCEPÇÕES DE PAISAGEM E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

*Bianca dos Santos Fernandes *
Mariana Monteles da Silva ***

As paisagens, entendidas como unidades visíveis do arranjo espacial são incutidas de relações sociais, emitindo um caráter social. Estas são formadas concomitantemente pelo desencadeamento de forças naturais e por meio de movimentos impostos pelo homem através de um constante processo de transformação, transformação esta sendo percebida pelo trabalho e pela cultura.

Assim, a paisagem pode ser definida como um produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão, sendo específica de um determinado estágio de processo de trabalho vinculado à reprodução do capital. A configuração paisagística é dotada de um conjunto de objetos que se dão diretamente aos sentidos, representando a porção mais aparente da realidade, ela é produto da percepção de um processo seletivo de apreensão. Sendo assim, para se ter uma apreensão mais fidedigna do contexto territorial, torna-se necessária uma análise íntima desta esfera, apropriando-se da categoria mais importante da ciência geográfica, o espaço geográfico, que nada mais é do que a paisagem em sua totalidade.

Assim, o espaço não pode ser tido como uma base física, um simples suporte, substrato ou receptáculo das ações humanas. O espaço geográfico é uma categoria complexamente produzida e dialeticamente desconstruída, condição concreta de sua concepção social. É nele que a sociedade imprime sua marca e interage junto ao meio.

Engels (apud MOREIRA, 2007) destaca que o caráter social do espaço geográfico decorre do fato simples de que os homens têm fome, sede e frio, necessidades de ordem física decorrentes de pertencer ao reino animal, ponte de sua dimensão cósmica. No entanto, à diferença do animal, o homem consegue os bens de que neces-

sita intervindo na “primeira natureza”. Transformando o meio natural, o homem transforma-se a si mesmo. Ora, como a obra de transformação do meio é uma realização necessariamente dependente do trabalho social, é este o agente de transformação do homem de um ser animal para um ser social, combinando esses dois momentos em todo o decorrer da história humana.

Desta maneira evidencia-se a formação espacial como a derivação de um conjunto de interações (homem-meio; homem-homem) que desencadearão os produtos do espaço: fixos, fluxos e refluxos. Assim, o desenvolvimento constituir-se-á o trabalho articulado sobre um arranjo espacial.

A proposta de desenvolvimento regional vem amparada na perspectiva de envolvimento social, caso esta inclusão não ocorra, o processo emperra, pois os agentes do meio se ausentaram. É o entendimento da diversidade que leva à multiplicidade de pontos de vista, e assim é posto em discussão essa heterogeneidade de interesses próprios de um grupo social. Reconhecida a importância destas relações, a ampliação da noção de patrimônio histórico, cultural e natural vai avançar, promovendo propostas inteligentes de gestão. Partir-se-á para uma concepção coletiva de gerenciamento, onde a estratificação econômica de classes ruirá em prol da equidade, do bem-estar físico e social.

Referências

MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

* Geógrafa (UEMA)

** Aluna do Curso de Licenciatura em Geografia (UEMA)



Boletim Informativo do Curso de Geografia – UESC
INFORME GEOGRÁFICO - ISSN 1982-8039
Blog: www.informegeografico.blogspot.com
E-mail: informegeografico@gmail.com

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC - Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16. CEP: 45.662-900 - Ilhéus - Bahia - Brasil

Fundador: Saulo Rondinelli Xavier da Silva (abr.2001)

Conselho Editorial: Alan Azevedo Pereira dos Santos (alansantos_18@hotmail.com) - Greiziene Araújo Queiroz (greiziene@hotmail.com) - Jorman dos Santos (jorman@bol.com.br) - Liliane Matos Góes (goes.liliane@yahoo.com.br) - Paulo César Bahia de Aguiar (imperadorblue@yahoo.com.br) - Saulo Rondinelli Xavier da Silva (geoilheus@hotmail.com).

Colaboradores: Evilânias Bento da Cunha (evilaniageo@yahoo.com.br) - Ingrid Emmanuelle Vieira Santos (lelinha28@hotmail.com) - Patrick Thomaz (patrick_thomaz@yahoo.com.br) - Reinaldo Martins Lemos (reilemos@bol.com.br) - Sylvana Kelly Marques da Silva (sylkellymarques@hotmail.com).

Projeto Gráfico / Diagramação: Marcos Maurício (marcosmauricio.blogspot.com/marcosmauricio@gmail.com). **Impressão:** Gráfica da UESC

Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.

Consulte as normas de submissão em nosso Blog: informegeografico.blogspot.com

Análise geográfica sobre o “Porto Sul”

O processo de transformação humana no espaço geográfico trouxe consigo marcas profundas nas relações sócio-políticas hoje traduzidas em ações capitalistas de produção como agente de mudanças espaciais. Nesse contexto, a recente construção do “Porto Sul” implica à ciência geográfica uma análise dialética dos fatos, perspectivas e impactos que envolvem o empreendimento supracitado, uma vez que as contradições sobre este tema devem ser refutadas do senso comum, levando-as a contradição por meio da razão como pontua Japiassu e Marcondes apud Sposito (2004, p.39).

Como mais uma demanda “desenvolvimentista” da Bahia Mineração, o Complexo Intermodal Porto Sul (terminal de ferroviário, porto, retroporto e aeroporto) planejado para ser implementado entre Ilhéus, Itacaré e Serra Grande, numa Área de Proteção Ambiental da Lagoa Encantada, será necessário para escoar a produção de ferro de Caetitê para China. Esse empreendimento fundamenta-se em: fomento de desenvolvimento para a região segundo os idealizadores, sem jamais nos esquecer da utilização racional e sustentável dos recursos naturais; logística da Bahia para escoamento insuficiente dos

portos de Aratu e Salvador, hidrovia desativada, poucas ferrovias e algumas estradas federais, como a BR-101 e a BR-116; estímulo a setores industriais, construção civil, comércio, serviços; novas oportunidades de emprego; movimentação de outras cargas de grãos agrícolas, combustíveis, contêineres e apoio ao setor petrolífero.



Planta da Projconsult, 2009. (TUP - Terminal privado e ZAL - Zona de Apoio Logístico).

O processo de avaliação da viabilidade do complexo na região tem seus maiores argumentos pautado em fatores econômicos e políticos de interesse do Governo Estadual que busca promover o desenvolvimento socioeconômico e ambiental do Estado a Bahia em bases sustentáveis, garantindo igualdade de oportunidades a todos os cidadãos, independentemente de raça, gênero e religião, meta esta, incoerente aos dados técnico-científicos que indicam que a execução do “Porto Sul” causará: perda da cobertura vegetal nativa; redução do potencial de restauração dos ecossistemas e

biodiversidade; eliminação de ambientes singulares e espécies da fauna e flora; contaminação do fundo marinho (corais); desestruturação das comunidades biológicas; restrição de acesso às áreas de pesca costeira (jangadas); contaminação dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos; aumento significativo da concentração de

poluentes do ar na região: material particulado e gases.

A nível sócio-econômico e urbanístico haverá pressão de crescimento desordenado das ocupações urbanas e redução do grau de preservação da orla; possível desaparecimento ou deslocamento das comunidades pesqueiras; redução do valor sociocultural da Lagoa Encantada e do seu potencial turístico; provável deslocamento da população que ocupa o litoral. No setor turístico terá um comprometimento significativo da situação de portal para toda zona turística do Litoral Norte de Ilhéus até a Baía de Camamu, além de possível invia-

Jeroaldo de Souza Santos *

bilização da programação de investimentos.

De acordo os aspectos supracitados e o andamento do processo de viabilização do “Porto Sul” que os aspectos sociais, ambientais e realidades locais são muitas vezes submetidos diante dos

macro-investimentos em escala estadual e internacional, onde, mesmo que seja às custas da descaracterização de regiões, independente do posicionamento das comunidades e avaliações técnicas de ambientalistas, o capitalismo através das commodities (preço universal, indiferente

a marca, exploração de matéria-prima e padronização, negociadas em bolsa de valores) determina a ocupação espacial de forma assimétrica e predatória, imprimindo o ritmo da nova ordem mundial ao reafirmar em escala crescente o poder da globalização frente os lugares.

Referência:

SPOSITO, E. S. Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Unesp, 2004. p. 218.

* Aluno do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC).



Surge uma nova área de atuação para o geógrafo brasileiro

O trinômio geodiversidade, geoconservação e geoturismo ainda é muito pouco conhecido no Brasil. São termos bastantes empregados na Europa e África do Sul para a proteção e conservação dos sítios de natureza geológica, geomorfológica e paleontológica, estes constituem o patrimônio concreto da Terra. Diferentemente da Biodiversidade, a Geodiversidade necessita de atenção especial, principalmente em função de não haver legislação específica, haja vista que, ao contrário do primeiro, uma vez degradados ou danificados em virtude da falta de conhecimento popular, como por exemplo, através de pichações, não podem ser recuperados a partir de ações humanas, precisando de milhares de anos para a natureza reconstituir esse patrimônio. No Brasil, a Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleontológicos (SIGEP) vem desde 1990 identificando e catalogando os sítios de maior relevância, tendo lançado inclusive um livro com os cem principais sítios que necessitam de ações de geoconservação.

Está é uma área nova onde os Geógrafos pouco atuam no Brasil. Na França os projetos que envolvem essa área tiveram muito impulso com a participação dos Geógrafos. Atualmente no Brasil os Geólogos estão mais organizados, divulgando esse trinômio: Geodiversidade / Geoconservação / Geoturismo.

A geodiversidade consiste em toda a variedade de minerais, rochas, fósseis e paisagens que ocorre no Planeta

Terra. Já o patrimônio geológico é apenas uma pequena parcela da geodiversidade apresentando características especiais e que, por conseguinte, deve ser conservado (NASCIMENTO, 2008, p.10). Não se pretende conservar todos os afloramentos de fósseis do mundo, mas



O trinômio geodiversidade, geoconservação e geoturismo ainda é muito pouco conhecido no Brasil.

apenas aqueles que apresentam um elevado valor científico e educativo (BRILHA, 2005, p.22). Já a geoconservação visa de acordo com (SHARPLES, 2002, p. 13) a preservação da diversidade natural (ou geodiversidade) de significativos aspectos e processos geológicos (substrato), geomorfológicos (formas de paisagem) e de solo, pela manutenção da evolução natural desses aspectos e processos.

O geoturismo pode ser definido como um segmento da atividade turística que tem o patrimônio geológico como seu principal atrativo e busca sua proteção por meio da conservação de seus re-

ursos e da sensibilização do visitante, através da educação ambiental, utilizando para isto, a interpretação deste patrimônio tornando-o acessível ao público leigo, além de promover a sua divulgação (RUCHKYS, 2007, p. 30).

Por fim, partindo desse conceito, o geoturismo não

*David Christopher M. de Amorim**

profissionais de diferentes áreas, sobretudo ao geógrafo.

Referências:

BRILHA, J. Patrimônio Geológico e Geoconservação: A conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage, 2005.

NASCIMENTO, M. A. L. et al. Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo: Trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. Natal: SBGEO, 2008.

RUCHKYS, U. A. Patrimônio Geológico e Geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais: potencial para criação de um geoparque da UNESCO. Belo Horizonte: Instituto de Geociências - UFMG. 2007, 211p.

SHARPLES, C. Principles and Concepts of Geoconservation. 2002. Disponível em: <[http://www.dpiw.tas.gov.au/inter.nsf/Attachments/SJON-57W3YM/\\$FILE/geoconservation.pdf](http://www.dpiw.tas.gov.au/inter.nsf/Attachments/SJON-57W3YM/$FILE/geoconservation.pdf)> Acesso em: 10 abr. 2010.

*Professor de Geografia em Maceió; Especialista em Geografia: Análise Ambiental, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); Turismólogo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL).

Avaliação e Identificação das Áreas de Impactos Ambientais na Bacia do São Francisco – Brasil

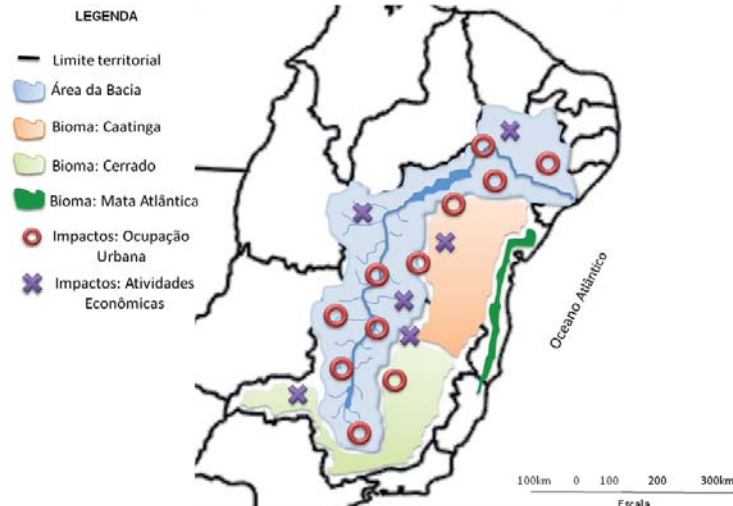
Para melhor compreensão deste presente artigo, é bom definirmos o conceito de Bacias Hidrográficas. Em resumo, bacia é o conjunto de terras drenadas por um rio principal, seus afluentes e subafluentes. A formação de uma bacia hidrográfica está inteiramente relacionada a topografia da região, já que a sua formação se dá através dos desníveis de terreno, que orientam o nível das águas, sempre das áreas mais altas até as mais baixas.

Uma das mais importantes bacias brasileiras é a do São Francisco, que tem como rio principal o “Velho Chico”, que nasce na Serra da Canastra (MG), abrangendo 521 municípios distribuídos em mais seis estados federais (SE, AL, PE, BA, GO e DF) até desaguar no oceano Atlântico, percorrendo aproximadamente 2700km² do território nacional.

Através de alguns problemas de impactos ambientais como poluição, escassez e conflitos pelo uso das águas, os estudiosos juntamente com o governo federal reconheceram a bacia do São Francisco como um sistema ecológico, que abrange todos os organismos que funcionam em conjunto nessas áreas.

Ao longo de todo o tempo o ser humano tem reconhecido a importância de controlar a água potável no mundo, mesmo assim a intervenção humana é grande e a biodiversidade sempre será ameaçada. As populações que vivem próximas a bacia do São Francisco contribuem para os impactos ambientais existentes na região. Neste artigo identifiquei alguns dos biomas principais: a Caatinga, presente no nordeste da Bahia; o Cerrado em Minas Gerais e a Mata Atlântica. O que está ocorrendo é uma crescente ocupação da bacia por parte dos moradores nesses biomas e o forte adensamento populacional na bacia do São Francisco principalmente por parte da região metropolitana de Belo Horizonte (ver mapa síntese).

Mapa Síntese: Áreas de Impactos Ambientais na Bacia do São Francisco



Fonte: Elaboração do autor, 2010.

se). Além da grande e muitas vezes desordenada ocupação urbana na bacia, as atividades econômicas na região de maneira geral também contribuem para os impactos ambientais, como as atividades mineradoras, siderúrgicas, industriais e agrícolas. Essas atividades são fatores determinantes para a modificação dos biomas naturais; impermeabilização do solo em uma determinada região, que por sua vez provoca o escoamento de água para outras regiões, e passa a sofrer bastante com as enchentes; poluição do rio São Francisco e seus afluentes, e a escassez.

Com esse objetivo de identificar, localizar e delimitar o fenô-

meno ambiental no espaço, pude construir o mapa síntese (acima) que facilita a investigação das áreas de impactos ambientais através da Semiologia Gráfica e de dados Cartográficos para elaboração do mesmo, utilizando como instrumento o software CorelDraw X4.

Nesses últimos dias com a visita do Presidente Lula nas regiões onde as obras já foram iniciadas, muito tem se falado sobre o projeto da transposição de parte das águas do Rio São Francisco, que é um projeto bastante polêmico e que irá acarretar em uma série de problemas ambientais ao longo da bacia. Todos nós sabemos que a seca é um dos grandes fatores responsáveis pela pobreza no Nordeste brasileiro, e a transposição seria um dos fatores para tentar solucionar este problema, mas este projeto não é unanimidade. A bacia do São Francisco será afetada com este desvio das águas, pois ela

Bruno Vinhas Matos*

já está com as suas águas comprometidas na geração de energia e na irrigação. Caso não seja repensada, os efeitos serão grandes, como: A expansão das áreas ocupadas; a alteração de vazão dos rios em função da ocupação das várzeas; maior consumo de água; alterações na infiltração das águas pluviais; destruição das matas entre muitos outros riscos, fazendo com que a população que seria beneficiada sofra com os impactos. Entre as alternativas apontadas para essas problemáticas ambientais, estão o melhor gerenciamento dos recursos hídricos da bacia no semi-árido, o investimento em obras não acabadas, a construção de uma cultura de convivência com a problemática da seca e a busca de alternativas simples e viáveis pelo uso das águas pela população.

Nós estudantes da Geografia e toda a sociedade em geral deveríamos estar mais interessados acerca desse desenvolvimento sustentável, e da necessidade de que as características ambientais dessa bacia tão importante para o Brasil sejam devidamente conhecidas para que os aproveitamentos dos recursos naturais possam ser otimizados com o menor impacto possível.

Referências

RODRIGUES, M. A. Os impactos da transposição e da bacia do rio São Francisco. Disponível em: <<http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?article200>>. Acesso em: 26 out. 2009.

ADEODATO, S. Briga pelas águas do Velho Chico. In: Atualidades e Vestibular. 2008. Rio de Janeiro: Abril, p. 146 - 149.

* Aluno do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC).





O VALOR DA EDUCAÇÃO

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação.”

Hannah Arendt

O processo educativo se constitui em um dos pilares básicos tanto no sentido de propiciar ao indivíduo os elementos necessários à sua construção, quanto lhe apontar ou mesmo lhe fornecer os mecanismos facilitadores para sua inserção, enquanto agente atuante, no contexto social.

Ao longo da história humana, em diferentes épocas e em diferentes contextos sociais, o processo educativo foi processado também de forma a apresentar nuances e com objetivos os mais variados. Indo desde aquele tipo de educação que visava passar de forma empírica, ou seja, na prática cotidiana, de geração a geração, os conhecimentos necessários à sobrevivência, quanto aquele tipo de educação voltada à prática da guerra, o “culto” ao corpo, ou mesmo aquela voltada ao “culto” à razão.

Tem sido, contudo, na prática educacional formal, ou seja, naquela construída nas escolas e universidades, onde a sociedade humana tem dado maior valor no sentido de ser o caminho norteador à produção ou transmissão dos conhecimentos que venham possibilitar a construção do sujeito social. E tal realidade, na atualidade, vem sendo inequivocamente o pensamento predominante.

Hoje, no contexto capitalizado em que vivemos, a educação formal tem sido um dos requisitos básicos para se galgar os níveis mais elevados no âmbito profissional, ou mesmo para se ter acesso a outros benefícios contidos dentro da es-

trutura social conforme a mesma está montada. E cada vez mais se exige uma elevação no nível da educação formal do sujeito.

Não obstante, um ponto importante precisa ser levado em consideração no entendimento do que vem a ser o próprio ato de educar. Educar não se constitui tão somente no ato de transmitir informações ou conhecimentos, mas também de possibilitar ao educando ter acesso aos mecanismos e ferramentas que lhe propiciem se construir, desconstruir e reconstruir, e interagir com



o contexto social de forma a modificá-lo conscientemente, colocando-se em sintonia com o seu tempo e o seu povo.

Contudo, dentro da realidade multifacetada predominante hodiernamente advém-nos a seguinte questão: por que, pois, tem se tornado cada vez mais complexa e dificultosa a efetivação do processo educativo?

Inúmeras poderiam ser as respostas apresentadas para essa questão, como inúmeros os fatores que poderiam ser apontados que levariam a tal: estrutura deficitária do

ensino em nosso país, problemas sociais, desestruturação familiar, falta de estímulo por parte de professores e estudantes, declínio da moral...

No contexto de nossa região, temos terras belíssimas não apenas no que se refere às suas riquezas naturais ou arquitetônicas, mas também no que se refere a sua cultura e ao seu povo – o qual apresenta em sua riqueza maior, a sua juventude, um incrível potencial intelectual, criativo, uma excelente consciência crítica e construtiva. Mas, infelizmente, de forma semelhante ao que ocorre em outras partes do nosso país, em nossa região algumas lâstimas têm aderido ao cotidiano de uma parcela significativa da população, independente de camada social, a exemplo da violência e das drogas, desestruturando famílias, fazendo com que parte de sua riqueza maior seja perdida e comprometendo também aquela que construirá o seu futuro: as crianças.

Diversos são os fatores que poderiam ser apontados e diversos os caminhos que poderiam ser percorridos no sentido de se tentar resolver esses problemas, sem que, contudo, é bom frisar, venha trazer a certeza de solução.

Aqui pretendemos apontar um desses caminhos: o caminho da educação. Referimo-nos àquela educação que humaniza e transforma, pois o educando não se constitui essencialmente em uma máquina ou um objeto, mas sim em um indivíduo dotado de razão, emoção e sentimentos, e que

*Paulo Aguiar **
*Aniram Lins ***

vem de um contexto familiar e social próximo que influencia substancialmente em quem ele é. E é enquanto tal que o mesmo precisa ser enxergado e trabalhado para ser desconstruído e reconstruído, para assim ele contribuir para construir..., construir uma sociedade mais humana, mais justa e mais solidária.

Intrinsecamente ligada a essa educação, nossas crianças, nossos adolescentes e nossos jovens precisam ser educados também no sentido de ter internalizado dentro de si valores e princípios, que é o que lhes permitirá desenvolver a capacidade de sonhar, traçar objetivos e lutar para concretizá-los. Mas, em detrimento disso, a tônica dominante na sociedade hoje tem sido a quebra de valores e princípios que tem culminado na decadência da moral.

Dessa forma, fica para o profissional da educação a árdua tarefa de, diante de um contexto desmotivador e precário para a realização de suas atividades, criar os mecanismos para que o educando desenvolva a capacidade de refletir sobre a realidade imposta e, enquanto agente atuante, modificá-la.

Na esfera dos acontecimentos hora de um novo acontecer!

* Geógrafo e mestrando em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela UESC.

** Economista e mestranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela UESC.

Currículo Lattes – Modo de Usar

- Que legal! Você pesquisa sobre gentrification!

- Gentr.eu...o que é isso?

- Você não sabe? Está no seu currículo Lattes: um resumo, dois artigos completos em anais de congressos e um trabalho técnico que foram publicados com outros pesquisadores...

Lançada em 16 de agosto de 1999, a Plataforma Lattes é um banco de dados de currículos de pesquisadores e instituições, gerenciado pelo CNPq. Representou um significativo avanço no acesso público às informações sobre pesquisas no Brasil, principalmente nas áreas de Ciência e Tecnologia, uma resposta aos novos tempos da rapidez da informação. Por outro lado, também significou maior controle por parte do governo de informações sobre o perfil de pesquisadores. A plataforma conta atualmente com mais de 1,5 milhão de currículos de doutores, mestres, estudantes e outros profissionais.

Quando chega à universidade, o estudante é logo apresentado à plataforma, vislumbrando a possibilidade de registrar e divulgar cada passo de sua carreira científica. No entanto, o que seria apenas reflexo de sua formação acadêmica, torna-se, para alguns (para não dizer “muitos”), objetivo maior de sua existência como pesquisador – a edificação de um currículo como tentativa de inserção pessoal no universo acadêmico. Perseguir no caminho do conhecimento não é uma tarefa fácil: exige tempo, dedicação e abstenções. A curiosidade e a inconformação com a realidade posta, características que devem perseguir o intelectual engajado, estão sensivelmente mais ausentes da rotina e dos propósitos das pesquisas.

Os eventos científicos, que muito contribuem (ou deveriam) para a construção e perpetuação do debate na comunidade acadêmica

*Igor Venceslau **

hoje são apenas oportunidades de publicação. O número de participantes dos eventos cai, enquanto as publicações aumentam. Em outros casos, publica-se a mesma pesquisa várias vezes, alterando-se o título e, em alguns casos, o resumo. E ainda temos os “autores fantasmas”, que nem participaram da elaboração do trabalho e os orientadores que aparecem cada vez mais como co-autores, uma espécie de “mais-valia” acadêmica. A quantidade de pesquisas não estabelece uma relação com a qualidade.

No momento atual da pesquisa acadêmica, em especial de Geografia, nota-se o preconceito ao pensamento teórico, fragmentação da análise em detrimento da compreensão do todo, volta ao empirismo com destaque para campanhas investigativas que não ultrapassam a paisagem e a forma, deixando de lado os processos. As narrativas estão substituindo a análise, desprovidas de um objetivo social, acrílicas, reprodutoras de um pensamento midiático e contribuintes (leia-se: necessárias) da alienação do papel da universidade e da pesquisa para a sociedade. Induzida pelo neoliberalismo, essa postura competitiva torna a pesquisa uma mera mercadoria.

O intelectual que a universidade brasileira conheceu, capaz de inferir sobre diversos assuntos, seduzido pelo conhecimento, pela leitura e debate, agora é substituído (inclusive com incentivos) pelo técnico atualizado, apertador de botões, com respostas rápidas e prontas. Neste momento, uma reflexão é necessária: Qual é o meu papel social enquanto pesquisador? A quem serve a pesquisa que faço? Qual o significado do currículo na vida acadêmica?

*Aluno do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

O Movimento Mangue Beat e a Geografia: combates locais ao processo excludente da globalização

*David Tavares Barbosa **

*Jonath Tavares Barbosa ***

A expansão da globalização como forma de organização capitalista à escala global tem acarretado grandes transformações nas cidades, que correspondem ao principal cenário da expansão deste modelo de economia global, que caracteriza-se principalmente como um processo que se manifesta de diferentes formas, nos diferentes espaços, privilegiando alguns em detrimento de inúmeros outros.

O atual processo de mundialização da cultura, gestado dentro da lógica contemporânea da sociedade global provoca efeitos diferentes nos mais diversos ambientes, pois ao mesmo tempo que acarreta um processo de homogeneização cultural, também provoca um processo de resistência local aos caminhos construídos pelos centros do capital.

Tendo como principais nomes bandas como Chico Science e Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, e se expandindo para a produção cinematográfica e para as artes plásticas pernambucana, sempre retratando o cotidiano dos extratos sociais mais abastados, o Movimento Mangue Beat visa denunciar e combater a exclusão social observada no Recife (assim como a observada em outras grandes cidades brasileiras) afim de combater os efeitos devastadores provocados pela globalização nos espaços da “Manguetown”, correspondendo a um desses processos de resistência local frente ao global.

O Mangue Beat corresponde a um fenômeno cultural resultante da confluência de diversas experiências sociais e estéticas, procurando demonstrar a relação entre a metrópole e o mangue, entre seus habitantes quase distintos, lançando os problemas da bela e reversa Recife. Procuravam mostrar o olhar da periferia sobre a metrópole do Nordeste, com sua miséria acumulada, do qual apenas usufruíam parcialmente, ou para alguns nem isso.

O Mangue Beat busca explicitar a realidade opressora da cidade. Procura mostrar a cidade espacialmente fragmentada, presa no mito da metrópole, repleta de problemáticas urbanas, que cada vez mais levam ao agravamento do seu quadro de miséria e caos urbano, emergindo numa sociedade

marcada por uma realidade espacial urbana de forte exclusão social e procurando lançar uma visão crítica sobre o espaço que vivem, mostrando suas próprias visões sobre a sua cidade, diferente da visão globalizante de mundo, onde a miséria de muitos, torna-se comum e justificável para o sucesso de uma minoria. Por trás da metáfora do Mangue Beat, observa-se a luta de seus integrantes para romper o silêncio, o esquecimento e a indiferença impostas pela sociedade aos estratos sociais mais abastados.

O referido Movimento contribui para uma reconstrução e/ou remodelação da imagem e da cidade do Recife, através do desenvolvimento de uma qualificação simbólica e material da paisagem recifense, estimulando um imaginário geográfico nos espaços emblemáticos da cidade, que inclui os seus rios, pontes, mangues e o modo de vida de seus habitantes. As relações do Recife com tais espaços emblemáticos são carregadas de tensões, pois do mesmo modo que servem de imagem-símbolo da cidade, evidenciam os seus problemas sócio-espaciais.

Compreender a luta estabelecida pelo Movimento Mangue Beat para preservar a cultura local pernambucana, mesmo este movimento tendo usado uma conexão da cena cultural da cidade com a fluidez das indústrias culturais globalizadas, ajuda a compreender a luta imposta para impedir que a economização da vida social imposta pela cultura de massas atingisse ao Recife, e fizesse de sua sociedade, uma sociedade alienada, conquistada pela força da propaganda, mostrando a importância da singularidade dos lugares num mundo cada vez mais global.

* Aluno do curso de Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

** Aluno do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



TAS - NOTAS - - NOTAS - NOTAS - NOTAS -NOTAS - NOT

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO GEOAMBIENTAL

O município de Ipiaú, na Bahia, sediará a quarta edição do Seminário de Educação Geoambiental, entre os dias 11 e 13 de novembro de 2010, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. O evento se constitui de palestras, mini-cursos e apresentação de trabalhos por estudantes de graduação, estudantes de pós-graduação e outros pesquisadores, em torno do tema central: “Biodiversidade e consciência ambiental”.

Com o objetivo de analisar as questões referentes à vulnerabilidade e a percepção da sociedade em relação aos problemas ambientais, sociais e econômicos, esta edição do Seminário de Educação Geoambiental busca congrega pesquisadores, empresários,



2010 Ano Internacional da Biodiversidade

profissionais ligados à temática, estudantes e comunidade em um evento de caráter científico e interdisciplinar, numa abrangência regional, com vistas à capacitação de professores da educação básica.

Os trabalhos apresentados serão publicados em Anais (CD-ROM) paginado com ISSN.

Os melhores artigos também serão publicados no Boletim Informativo Geográfico.

Os resumos devem ser enviados para o e-mail informegeografico@gmail.com até o dia 19 de setembro de 2010. Os trabalhos serão avaliados de acordo com os critérios estabelecidos no site: <http://geoilheus.tripod.com/geoambiental.htm>

XI ENCONTRO DE GEOGRAFIA DA UESC

O Colegiado do Curso de Geografia da UESC em conjunto com o Diretório Acadêmico de Geografia (DAGEO), convidam a comunidade acadêmica e interessados para participar do XI Encontro de Geografia da UESC a ser realizado entre os dias 30 de agosto a 01 de setembro de 2010, com o tema “Geografia: Teorias, Métodos e Perspectivas”.

O evento se constitui de palestras, mini-cursos e apresentação de trabalhos por estudantes de graduação, pós-graduação e demais pesquisadores, com vistas a proporcionar um amplo debate acerca das questões teóricas e práticas da Ciência Geográfica, constituindo-se em um momento de reflexão e trocas de experiências.

Todos trabalhos serão publicados nos anais do evento, em CD-ROM, paginado com ISSN, que será entregue no dia do credenciamento.



GEO CAÇA- PALAVRAS

- Complexo dinâmico de comunidades vegetais, animais e de microorganismos e seu meio inorgânico, que interagem como uma comunidade funcional, em um determinado espaço, de dimensões variáveis;
- Corresponde a um grupo de pessoas organizadas politicamente em torno de um poder soberano representado pelos governantes. Para que ele exista são necessários um território, um povo e um governo.
- Alteração das rochas cristalinas pela transformação dos feldspatos em caulim, intemperismo químico por infiltração;
- Trata-se de um sentimento de repulsa de uma população ou de indivíduos em relação a estrangeiros;
- Movimento horizontal de uma massa de ar atmosférico gerando transferências de calor.

U	X	D	W	X	R	P	U	E	L	Q	D	Y	E	M
W	V	X	D	I	M	Ó	T	W	D	U	T	D	A	M
K	B	U	V	Q	A	M	E	D	R	A	O	F	U	U
L	X	C	E	O	D	A	S	S	Q	M	W	D	H	
W	X	A	C	J	V	C	J	L	T	Q	X	H	U	X
Y	I	U	O	A	E	V	R	P	C	A	I	O	J	E
B	P	L	S	F	C	Y	T	A	N	P	D	I	J	N
O	O	I	S	V	Ç	W	T	A	S	Q	J	O	S	O
N	Y	N	I	E	Ã	T	O	O	Y	P	R	C	Ã	F
J	M	I	S	W	O	L	M	W	Q	J	Y	O	D	O
J	S	Z	T	K	U	E	W	H	D	T	V	J	D	B
G	B	A	E	T	T	V	B	Q	D	G	T	X	J	I
M	H	Ç	M	R	B	E	Q	I	X	D	X	O	M	A
B	J	Ã	A	M	E	M	V	E	K	D	R	N	A	H
A	A	O	B	L	S	O	T	R	D	I	Q	V	V	G

lgapo; Concluinta; Pontal; Tufão; Crisla.
(Ano IX, nº 18):

RESPOSTAS DO GEO CAÇA-PALAVRAS ANTERIOR

GEO-POESIA

Espaço e Tempo

Caminho ao inverso da vida
Vejo o tempo regendo o universo
Constantes mudanças assistidas
E o espaço, a moldura do dito progresso

O espaço como palco das transformações
Com elementos agindo em sincronia
Tem o tempo condicionando tais ações
Atuando dia após dia, formando e moldando concepções

Dia após dia buscam-se verdades e razões
Dando razão a “não verdades” caminha a sociedade
Esquecendo-se do seu talento
Se o espaço é certo ou incerto planejado
A resposta quem dará é o tempo

Compondo em poesia uma leitura de mundo
Sinto saudades de quando não lia
Faço, risco, rabisco e refaço
Busco nos versos uma fuga de segundos
Com ânsia e esperança de remoldar o espaço

Phillipe Freire

Aluno do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)